

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EDUCOMUNICATIVAS: OS DESAFIOS DA ESCOLA
NA ERA DO BIG DATA**

**EDUCOMMUNICATIVE PEDAGOGICAL PRACTICES: SCHOOL CHALLENGES WITHIN
THE BIG DATA ERA**

**PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EDUCOMUNICATIVAS: LOS DESAFÍOS DE LA ESCUELA EN
LA ERA DEL BIG DATA**

VALDECI REIS

Doutorando em Educação UFSC, Mestre em educação, Pedagogo do Instituto Federal de Santa Catarina –
E-mail: Valdeci.reis@ifsc.edu.br

ALAIM SOUZA NETO

Doutor em Educação UFSC, Pós-Doutorado - UFSC, Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal
de Santa Catarina – E-mail: alaim.souza@ifsc.edu.br

GLEICY CORRÊA NUNES MARQUES

Especialista em Educação para a diversidade e Educação de Jovens e Adultos – E-mail: gleicy@ifsc.edu.br

RESUMO

O presente artigo discute os resultados de uma pesquisa-ação desenvolvida em duas escolas estaduais localizadas no sul da ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Além de analisar as percepções dos adolescentes sobre temas complexos da cultura digital, discorremos sobre práticas pedagógicas desenvolvidas por professores nos anos finais do ensino fundamental. Constatamos que a perspectiva educ comunicativa permitiu aos discentes o exercício da comunicação oral, aperfeiçoando a objetividade e clareza de exposição do pensamento, além de favorecer a convivência e o trabalho em grupo, bem como o respeito às diferenças.

Palavras-chave: Educomunicação, Cultura Digital, Tecnologia, Juventude.

ABSTRACT

The following paper discusses the results of an action-research developed in two state schools located in

the south of the island of Santa Catarina, Florianópolis, Brazil. Besides analysing adolescents' perceptions on complex digital culture themes, the authors discuss pedagogical practices developed by teachers in the latter years of elementary school. The authors found that educommunication perspective allowed the students to practice oral communication, improved objectivity and clarity when expressing points of view, as well as promoting interaction, teamwork, and respect for differences.

Keywords: Educommunication, Digital Culture, Technology, Youth.

RESUMEN

El presente artículo discute los resultados de una investigación-acción desarrollada en dos escuelas provinciales localizadas en el sur de la isla de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Además de analizar las percepciones de los adolescentes sobre temas complejos de la cultura digital, discorremos sobre prácticas pedagógicas desarrolladas por profesores en años finales de la enseñanza fundamental. Constatamos que la perspectiva educomunicativa permitió a los discentes el ejercicio de la comunicación oral, perfeccionando la objetividad y claridad de exposición del pensamiento, además de favorecer la convivencia y el trabajo en grupo, así como el respeto a las diferencias.

Palabras clave: Educomunicación, Cultura Digital, Tecnología, Juventud.

INTRODUÇÃO: A difusão de redes digitais e as implicações para a educação

As publicações resultantes da extensa pesquisa desenvolvida por Castells (1996, 1997, 1998, 2002, 2010) nos oferecem uma teoria bastante consistente sobre o conceito de rede. O sociólogo espanhol tenta compreender a cultura e as relações humanas em um espaço que ele denomina de *Sociedade em Rede*.

Em um de seus recentes trabalhos, Castells (2013) analisa o protagonismo dos jovens em vários movimentos sociais ao redor do globo – Revolução pela liberdade, na Tunísia; Revolta das panelas, na Islândia; Fúria digital, no Egito; Juventude indignada, na Espanha; o Movimento em rede do *Occupy Wall Street* e as inesperadas Jornadas de Junho, no Brasil. Em cada um desses movimentos sociais juvenis, o autor analisa o papel estratégico que as redes sociais digitais tiveram na conexão e mobilização dos usuários da rede.

O autor também destaca o poder que a comunicação ubíqua e a mobilidade do *smartphone* tiveram para encorajar os ativistas a questionarem o autoritarismo de alguns

governos, colocar em descrédito as emissoras tradicionais de comunicação, bem como ridicularizar políticos corruptos. Sua análise é que a convergência das tecnologias digitais empodera os processos comunicativos, transformando-os em uma rede que é “global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significados caracteriza-se por um grande volume de diversidade” (CASTELLS, 2013, p. 11). Para o sociólogo, existe, contudo, uma característica comum a todos esses processos comunicativos: trata-se da autocomunicação; o fato de um jovem produzir uma mensagem e, de modo autônomo, direcionar a determinado público, pode alcançar infinitas conexões no ciberespaço.

Castells (2002) define rede como um conjunto de pontos que são como nós conectados por elementos que têm alguma relação entre si. A base para a constituição de uma rede é tanto o seu objetivo e a adesão dos participantes, quanto a flexibilização das relações e a interação instantânea. Segundo o autor (2002), “nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que seria um nó depende do tipo de redes concretas de que estamos falando” (p. 566).

De acordo com tal perspectiva, uma rede pode ser formada a partir de uma agremiação política, onde os nós – filiados da agremiação, simpatizantes, diretores e cientistas políticos – se articulam e traçam estratégias para vencer uma eleição presidencial. Na mesma medida, a rede pode surgir a partir da afinidade de alguns jovens, ou entidades estudantis que, formando uma rede, se organizam e mobilizam outras pessoas para protestar contra o aumento da tarifa de ônibus. Pode, igualmente, nascer a partir de indivíduos de uma facção criminosa, que, com o apoio de laboratórios clandestinos, centros de apoio, distribuição, logística e monitoramento, controlam o tráfico de drogas de uma determinada região geográfica de um país. Nas palavras do autor:

Redes são estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 2002, p. 566).

Trazendo essa análise para as redes sociais digitais, cada indivíduo que possui uma conta no *Facebook*, por exemplo, é um ponto. Cada página ou grupo de discussão criado nessa rede social conecta vários pontos, e, finalmente, o site que hospeda a rede social seria uma espécie de galáxia que permite a interconexão entre todos os pontos abrigados nesse território. Para o autor, a interligação de redes, sistemas informáticos e plataformas digitais avança exponencialmente, “criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2002, p. 40).

Castells (1997) parte do pressuposto de que a difusão de artefatos tecnológicos, que permitem a interconexão de fluxos, deu origem ao surgimento de uma nova estrutura social, uma estrutura tecnológica em rede. O autor define tecnologia como uso de conhecimentos e técnicas para o aprimoramento de habilidades específicas.

No que se refere às tecnologias digitais, Castells entende-as como o ato de convergência de tecnologias analógicas em microeletrônicas. Trata-se de uma engenharia computacional que, por meio de arquiteturas de *softwares* e *hardwares*, permite a interligação e comunicação de diferentes engenharias tecnológicas, como, por exemplo, radiodifusão, redes telemáticas, redes de fibra óptica.

O aprimoramento da microeletrônica e do processo de convergência com a engenharia de telecomunicações originou as tecnologias ubíquas. São artefatos tecnológicos que proporcionam interação em rede a qualquer momento, em qualquer espaço.

Santaella (2013), dando continuidade às análises desenvolvidas por Castells (1996, 1997, 1998), afirma que o desenvolvimento tecnológico contribuiu para que a condição contemporânea da nossa existência se tornasse ubíqua. Para a autora,

[...] em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornando-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. Somos abordados por qualquer propósito a qualquer hora e podemos estar em contato com outras pessoas quaisquer que sejam suas condições de localização e afazeres no momento, o que nos transmite um sentimento de onipresença. Corpo, mente e vida ubíquas. Sem dúvidas isso traz efeitos colaterais, certo estado de frenesi causado pelo paradoxo da presença e ao mesmo tempo da reviravolta constante nas várias condições físicas, psicológicas e computacionais (SANTAELLA, 2013, p. 16).

A mobilidade proporcionada pela microeletrônica impulsionou espaços fluidos e múltiplos não apenas nas redes digitais, mas, também, nos espaços geográficos e temporais. Na história da humanidade, a informação nunca esteve tão disponível, podendo ser acessada de diferentes pontos do espaço.

Se, até meados de 1980, as mídias analógicas – rádio, TV, jornal, cinema – apenas transmitiam a informação, sendo que o espectador era apenas um receptor de dados, o advento da cultura digital instigou o protagonismo do espectador. Internautas emitem diariamente, através das redes sociais digitais, páginas ou blogs, suas opiniões a respeito de terminada matéria, programa jornalístico ou fato político.

Santaella (2013) esclarece que, do ponto de vista tecnológico, a ubiquidade é uma metáfora, sendo que o conceito teve origem na Grécia antiga, influenciando várias culturas. Deus, para algumas religiões, é ubíquo, é onipresente, está em todos os lugares.

A autora considera emergente refletir as implicações que as redes telemáticas, bem como a interligação de sistemas e plataformas, trazem para a sociedade, para que possamos vislumbrar possibilidades para utilizar a tecnologia a favor da nossa vida pessoal e profissional. Levando em consideração que a mobilidade e a conectividade permitem que a qualquer momento o estudante, por meio do seu artefato tecnológico, plugue nas bases de dados, assim como nas redes pessoais e informacionais, Santaella postula a ideia de que a educação precisa caminhar “nas novas formações subjetivas da cultura digital e não nos princípios que nortearam as certezas da era moderna” (2013, p. 125).

No que se refere às redes sociais, a pesquisadora da PUC-SP defende uma Pedagogia das Mídias. Santaella considera fundamental investigar o potencial da aprendizagem colaborativa e participativa, de que forma a multiplicidade de informações produzidas e hospedadas no ciberespaço podem contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e atentos às necessidades emergentes da nossa sociedade contemporânea.

Esse estudo reflete sobre os resultados de uma pesquisa-ação¹ desenvolvida em duas escolas de educação básica da rede estadual, na região sul do município de Florianópolis.

¹ Tendo como inspiração a perspectiva metodológica de Andrew Brown e Paul Dowing (2001), a pesquisa-ação foi uma intervenção realizada em um lócus envolvendo a prática extensionista e a pesquisa. O Projeto ‘Formação de Comunicadores Populares: desafios e estratégias para consolidação de uma cidade educacional’ contou com o financiamento do edital APROEX n.º 03/2016 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

polis, Estado de Santa Catarina. A pesquisa, desenvolvida nos anos de 2016 e 2017, acompanhou duas turmas – sétimo e oitavo ano – do ensino fundamental. Durante dois anos, observamos as professoras das disciplinas de artes e língua portuguesa com o objetivo de analisar as práticas pedagógicas educacionais desenvolvidas na sala de aula.

O estudo teve como propósito compreender, através da observação participante, como docentes e discentes se comportam em situação de aula diante de um fenômeno social – uma sociedade interconectada por redes digitais e mediada por artefatos tecnológicos. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa-ação (BROWN e DOWING, 2001), com abordagem etnográfica (MATTOS, 2011).

Este artigo tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre os desafios dos professores diante de uma juventude imersa na cultura digital. Sobretudo na educação básica, temas transversais como ética, participação social e mídias digitais se tornaram essenciais em um currículo que se propõe a educar para a cidadania.

A prática educacional das escolas de Florianópolis

Em tempos de Big Data,² internet das coisas e do fenômeno do “jogo” da Baleia Azul³ existe um consenso na academia de que a cultura digital oferece inúmeras possibilidades aos internautas, alternativas para o bem e para mal. É diante de tal constatação que a prática pedagógica educacional se apresenta como uma possibilidade para instigar o educando a refletir criticamente as infovias que sustentam as redes cibernéticas. Uma vez que os adolescentes têm acesso, por meio do seu *smartphone*, a uma avalanche de informações, na atual difusão tecnológica que estamos vivenciando, pensar em uma educação para o exercício da cidadania implica, necessariamente, conscientizar os jovens, os dilemas acentuados pela cultura digital: vigilância e monitoramento dos usuários da web, exposição em redes sociais, *cyberbullying*, discursos de ódio propagados na infosfera.⁴

2 Capacidade de processar um grande volume de interação na rede em um curto espaço temporal.

3 Jogo estruturado em vários desafios que ficou muito conhecido pelos meios de comunicação de massa no primeiro semestre de 2017. Há indícios de que o jogo tenha estimulado o suicídio de alguns adolescentes brasileiros. Até o fechamento deste artigo, a Polícia Federal continuava investigando o caso.

4 Termo desenvolvido pelo filósofo Luciano Floridi (2011) para se referir às interações, processos e demais relações tecidas na esfera informacional.

Uma prática educativa na perspectiva da educomunicação pressupõe dar consciência aos educandos acerca do que se esconde atrás dos algoritmos e estatísticas. Em outras palavras, o educador precisa ter uma postura mais coetânea nos processos de ensino aprendizagem. O estudante deixa de ser apenas um receptor de informações, passando a refletir ética e esteticamente, além de ser protagonista na produção do conhecimento junto com o professor.

Jesús Martín-Barbero (2002) já nos alertava, no início da década passada, que a escola não é o único lugar em que o jovem constrói e legitima o saber. Para o precursor da teoria das mediações latino-americana, a produção do conhecimento é mediada por outros aparelhos hegemônicos da sociedade, como a igreja, o sindicato, a organização comunitária, o grupo de amigos do bairro, os meios de comunicação de massa.

Com o advento da cultura digital, as redes sociais se tornaram um novo elemento nesse processo de mediação. Pensar em uma educação transformadora nos exige, enquanto educadores, refletir sobre esses fenômenos que emergem fora da escola e impactam cotidianamente no ambiente escolar.

As duas escolas de educação básica que foram objeto de investigação desse estudo são instituições localizadas próximas a comunidades em situação de vulnerabilidade social e risco. As práticas pedagógicas educomunicativas desenvolvidas na sala de aula tiveram como objetivos: I) desenvolver nos estudantes uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa; II) aprimorar o processo de escrita, estimulando a consciência fonológica; III) conscientizar os adolescentes sobre as ambivalências e dilemas em torno da cultura digital.

No Brasil, um dos maiores desafios da educação básica tem sido a formação de um leitor crítico e consciente com a realidade em que ele está imerso. Nesse contexto, a perspectiva educomunicativa trabalha no sentido de emancipar o educando, permitindo que este transforme a realidade vivenciada. Entre as práticas educomunicativas mais significativas observadas, destacamos a produção do quadro '*Papo Torto*',⁵ um quadro que debate

5 Quadro que vai ao ar dentro do programa de Rádio Educação em Debate, apresentado semanalmente na Rádio Comunitária Campeche 98,3 FM. O programa de rádio é uma ação transversal do Projeto 'Formação de Comunicadores Populares: desafios e estratégias para consolidação de uma cidade educomunicativa' do Campus Florianópolis Continente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. O programa pode ser acompanhado pelo dial 98,3 FM ou pela internet por meio do site www.radiocampeche.org.br

pautas juvenis e problematiza questões relacionadas à educação, cultura e cidadania.

Além de habilidades para manusear artefatos tecnológicos de produção e edição de áudio, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer os diferentes tipos de emissoras de rádios existentes no país – comercial, educativa, comunitária, alternativa – bem como a estrutura e organização do sistema radiofônico brasileiro. O fato de a produção realizada na sala de aula ser veiculada em uma emissora de rádio da região, onde toda a comunidade iria ouvir: pais, amigos, colegas do bairro, além de motivá-los na produção, instigava esses estudantes a aprimorarem a escrita do quadro, bem como os aspectos relacionados à oratória.

Nossa atuação na sala de aula durante os dois anos, além de observar a prática das professoras de artes e língua portuguesa, teve o objetivo de ministrar algumas oficinas de produção e edição de áudio. Na execução do projeto, também tivemos a oportunidade de documentar, através da observação e aplicação de grupos focais, a percepção desses estudantes sobre as mídias digitais.

Embora sejam estudantes oriundos de comunidades em situação e vulnerabilidade social e risco, em um universo de 46 estudantes, apenas um educando não tem celular e afirma que seus pais o proibiram de acessar a internet. Mais da metade do grupo passa mais de sete horas diárias navegando pela web.

Mais de 90% da amostra tem internet em casa. Entre as atividades mais citadas sobre o que eles fazem na web, identificamos: ouvir músicas, assistir a vídeos na plataforma YouTube, jogar em rede com amigos e assistir a filmes. 60% dos estudantes já passaram por algum desconforto na internet e todos os conflitos narrados têm relação com fotos ou postagens publicadas em alguma rede social, que, na visão desses estudantes, foram incompreendidas por seus colegas infonautas.

Apenas três estudantes demonstraram, ao longo do período de observação, ter alguma noção sobre aspectos relacionados à privacidade na rede. Todos os educandos das duas turmas afirmam que seus pais conversam diariamente sobre os dilemas do universo cibernético. Entre os temas recorrentes, destacam-se: cuidado com pessoas desconhecidas, exposição nas redes sociais, conteúdo inapropriado para determinada faixa etária.

A reta final do período da observação-participante na escola coincidiu com a difu-

che.com.br.

são do fenômeno ‘Baleia Azul’ nos meios de comunicação de massa. A forma recorrente com que o meio jornalístico tratou o assunto deixou vários pais apreensivos. Constatamos que, na ocasião, a coordenação pedagógica das duas escolas foi muito demandada pelos familiares.

Os responsáveis queriam entender do que se tratava o jogo, de que forma seus filhos poderiam ser afetados, se a escola estava trabalhando essa temática na sala de aula. Durante o intervalo, na sala dos professores, constatamos a apreensão dos professores em tocar nessa temática: alguns afirmavam não ter formação para lidar com essas especificidades, outros alegavam ter um conteúdo curricular a ser ministrado e que, ao final do semestre, seriam cobrados pelo cumprimento.

Um currículo que se propõe a educar para a cidadania não pode ignorar essas temáticas que emergem no cotidiano da sociedade ubíqua e tecnológica que estamos atravessando. Trabalhar na perspectiva que jovens adolescentes imersos na cultura digital tenham uma visão mais crítica das redes é uma questão de educação e cidadania. Estimular esses discentes a refletirem o que está por trás da *timeline* do Facebook e conscientizá-los sobre essas temáticas é tão importante quanto, no século passado, era preciso refletir sobre o ensino religioso e esclarecer sobre narrativas tecidas nos livros de história.

A educação diante do Big Data

Uma das febres mais recentes do universo tecnológico é o Big Data, tecnologia capaz de fazer inúmeras análises sobre as transações que os usuários estabelecem na infosfera. Essa ferramenta ganhou dimensão mundial em 2012. No universo acadêmico, três grandes estudiosos têm se dedicado a discutir as implicações éticas e estéticas dessa tecnologia na dimensão humana: Floridi (2011), Han (2013, 2014) e Kerckhove (1997, 2016).

Uma ética da informação é o que propõe o professor Luciano Floridi, da *Oxford University*, com livros que já foram traduzidos para vários idiomas. Suas análises têm repercutido positivamente no meio acadêmico não apenas no continente europeu. O autor parte da perspectiva de que os atuais problemas éticos que estamos enfrentando com relação ao monitoramento de dados pessoais, bem como a difusão de informações falsas ou infundadas, é consequência dos usuários da rede não terem clareza das especificidades que envolvem as tecnologias digitais.

O autor defende que a escola tem um papel crucial para que jovens internautas tenham consciência do que está por trás desse complexo labirinto que são as redes digitais. Sua perspectiva é que somente um currículo para o exercício da cidadania poderá contribuir para que jovens possam utilizar as redes e as tecnologias digitais de forma crítica e proficiente.

Direcionando o foco para a subjetividade humana, as reflexões protagonizadas pelo filósofo sul coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han apontam para a importância de tentarmos compreender o que entra pelas portas dos fundos do mundo digital, em especial o movimento *hacker ativista*, que tem lutado e resistido para preservar os direitos digitais, como, por exemplo, a privacidade na rede.

Revisitando os trabalhos de Foucault (1999) sobre biopolítica, Han (2016) desenvolve o conceito de psicopolítica. Para o professor da universidade de Berlim, com o panóptico digital – Big Data –, passamos da sociedade disciplinar para a sociedade do controle. Sem que os usuários percebam, suas transações na web são monitoradas; o que publicamos nas redes sociais é observado; a fatura do nosso cartão de crédito gera inúmeras análises estatísticas para as corporações; “a psicopolítica, graças à vigilância digital, está em condições de ler os pensamentos e de os controlar” (p. 90).

Derrick de Kerckhove (2016), por sua vez, problematiza a centralidade que as tecnologias digitais ocupam na vida contemporânea. O sociólogo afirma que os cookies deixaram acessíveis todos os caminhos que percorremos na internet. Para o autor, sem que percebamos, nossas interações na rede são conduzidas por um inconsciente digital. A interligação de softwares, plataformas e banco de dados tem a capacidade de analisar nossos interesses e hábitos e nos oferecer uma série de sugestões, muitas vezes nos induzindo a tomar determinada decisão.

Conectado à internet com várias janelas abertas, o ciberespaço nos oferece propagandas de produtos, sugestões de sites e inúmeras notícias relacionadas às palavras mais digitadas nos buscadores e plataformas digitais. Na era da vigilância ubíqua, Kerckhove (2016) aponta quatro paradoxos na vida dos jovens que nasceram na atual sociedade em rede:

Vida privada: embora estejam bem conscientes dos riscos envolvidos, os jovens

ainda publicam informação sobre si mesmos sem preocupação, incluindo informação que pode ser considerada “sensível”; **Controle:** os jovens pedem para ter controle sobre seus dados pessoais, mas se preocuparam pouco e não atualizam as ferramentas de proteção de anonimização, criptografia etc. (tecnologias que aumentam a privacidade, ou *Privacy Enhancing Technologies-PET*). **Responsabilidade:** os jovens consideram que a responsabilidade de proteger os seus dados pessoais deve ser compartilhada entre o Estado, as empresas e si mesmos, mas não acreditam que isso seja feito corretamente. O Estado parece muito distante, as organizações não são confiáveis, e em relação a si próprios, os jovens alegam que não têm tempo nem competência. **Consciência:** as disposições legais para a proteção de dados pessoais não são bem conhecidas nem estão totalmente aceitas e têm menos influência no comportamento dos jovens do que a sua própria experiência diária (p. 8).

O autor advoga a necessidade de discutir novos pilares éticos diante da difusão das redes digitais, apostando na educação como estratégia para conscientizar os usuários da rede, bem como desmistificar o que se esconde atrás dos algoritmos. Para o canadense, é indispensável educar os jovens para o desenvolvimento de ferramentas que garantam um nível mínimo de privacidade. A educação precisa problematizar a linha tênue existente entre transparência e vigilância.

A educação deve mudar para abordar as competências pertinentes à economia do conhecimento. Não é apenas uma questão de tecnologia, mas de modelos de ensino e aprendizagem que ajudem os jovens a desenvolver habilidades que sirvam ao trabalho colaborativo: a desenvolver o pensamento desviante, a ser capazes de utilizar as novas tecnologias de forma adequada, a ser conscientes tanto dos riscos, como dos benefícios destas tecnologias (KERCKHOVE, 2016, p. 11).

Para o sociólogo, diante das contradições da cultura digital acentuadas pelo Big Data, torna-se urgente pensar em uma proposta pedagógica que instigue os usuários da web a refletirem a dimensão ética e estética da infosfera. Somente com infonautas mais conscientes será possível encontrar vias para atravessarmos essa longa ‘escuridão digital’ à qual estamos submetidos.⁶

Ao observamos as práticas pedagógicas educacionais desenvolvidas em duas

6 O leitor interessado nessa discussão pode conferir a dissertação de Reis (2016).

escolas estaduais de Florianópolis, constatamos que o trabalho integrado desenvolvido entre as professoras de artes e língua portuguesa permitiu que os estudantes aprofundassem uma reflexão crítica de como as informações são difundidas pelos meios de comunicação de massa. Outro aspecto a ser ressaltado é a parceria entre a emissora de rádio do bairro e as escolas; essa integração permitiu que os docentes desenvolvessem novas formas de apropriação pedagógica para o uso das mídias na escola. Atentando para elementos didático-pedagógicos que revelam sua relação com possíveis inovações curriculares durante os processos de ensino e aprendizagem, e com base nesse diagnóstico, foi possível fomentar e gerar mudanças curriculares, bem como incentivar aprendizagens colaborativas entre os estudantes produtores do programa de rádio e os ouvintes da emissora comunitária.

A participação dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental na produção da coluna de rádio “*Papo Torto*” proporcionou aos discentes o exercício da comunicação oral, aperfeiçoando a objetividade e clareza de exposição e organização do pensamento. A atividade pedagógica favoreceu a convivência e o trabalho em grupo, respeitando as diferenças, níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem de cada estudante da sala de aula.

Ao longo dos vinte e quatro meses, a coluna de rádio se tornou um espaço de divulgação e de produção cultural para todos os estudantes do sul da ilha de Santa Catarina. Além de consolidar o processo de ensino aprendizagem da comunicação sob o ponto de vista linguístico, permitindo a realização de um trabalho fonético intenso, a prática pedagógica aproximou os discentes de diferentes meios tecnológicos e audiovisuais e fomentou a educação entre diversos agentes educativos (alunos, professores, família, escolas e emissora de rádio).

Por fim, os resultados da pesquisa contribuíram para que o Campus Florianópolis Continente do Instituto Federal de Santa Catarina aprimorasse sua visão em torno das potencialidades da pesquisa e extensão. No âmbito da intervenção social, a instituição tem buscado aprimorar ações integradas com instituições públicas, privadas, bem como setores da sociedade civil, dando prioridade para projetos e ações que fomentam a produção do conhecimento junto a populações em situação de vulnerabilidade social e de risco.

REFERÊNCIAS

BROWN, Andrew; DOWLING, Paul. **Doing research/reading research: a doing research/reading research mode of interrogation for teaching**. Londres: Routledge Falmer, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **The Rise of Network Society**. Oxford e Malden: Blackwell, 1996.

_____. **The Power of Identity**. Oxford e Malden: Blackwell, 1997.

_____. **End of Millennium**. Oxford e Malden: Blackwell, 1998.

_____. **Communication Power**. Cambridge: MIT, 2010.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LORIDI, Luciano. **The Philosophy of Information**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

HAN, Byung-Chul. **La Sociedad de la Transparencia**. Traduzido por Raúl Gabás. Barcelona: Herder Editorial, 2013.

_____. **A sociedade do cansaço**. Traduzido por Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

_____. **No Enxame: reflexões sobre o digital**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

KERCKHOVE, Derrick de. “Ética de transparência na era do Big Data”. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Comunicação, cultura e mídias sociais*. São Paulo: ECA USP, 2016. p. 5-23.

_____. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La Educación desde la Comunicación**. Buenos Aires: Grupo Edi-

torial Norma, 2002.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. “A abordagem etnográfica na investigação científica”. In: MATTOS, C. L. G. e CASTRO, P. A. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

REIS, Valdeci. **Jovens professores conectados: Desafios da docência na era digital**. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.